

Internacional

A nova conjuntura internacional aberta com o retorno de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos continua a se aprofundar. Longe de ser uma mera alternância de poder, Trump inaugura um novo momento do imperialismo e da extrema direita global. Já nos primeiros 100 dias de governo, uma série de medidas repercutem em caos geopolítico, choques comerciais, ataques sistemáticos aos direitos humanos e escalada militar no Oriente Médio.

Os inimigos principais também já foram delimitados, mas a lista pode continuar a crescer. De um lado, a China, que até agora não deu o braço a torcer, mas sabemos que Irã, Venezuela e possivelmente Cuba estão na mira. De outro lado, do ponto de vista interno, cresceram os ataques a imigrantes, ativistas a favor da Palestina, pessoas LGBTI+ e especialmente as trans e até mesmo às próprias universidades. Leis que remontam à segunda guerra mundial sobre imigração estão sendo usadas para calar dissidentes e o contexto é tão grave que o novo governo já tem recorrido até mesmo a ameaças e detenção pelo FBI de juízes que proferiram decisões não alinhadas a esse projeto. Esse é o projeto de poder da extrema direita: dilapidar a democracia e espalhar medo e insegurança para oferecer soluções cada vez mais autoritárias e reacionárias.

Nesse contexto, o “tarifaço” representa a imposição de um choque na economia mundial sem precedentes nos últimos quarenta anos. Para defender a supremacia de Washington no sistema de Estados mundial, essa política protecionista junto à anti globalização de direita se sustenta em uma promessa interna de volta ao passado, aos “anos dourados” do pós-guerra, buscando responder às frustrações de parte da classe trabalhadora e setores médios estadunidenses. Mas não parou por aí. A ofensiva neocolonial também se traduziu na ameaça de anexação da Groelândia, na retomada do controle do canal do Panamá, nas exigências de alinhamento incondicional da União Europeia, nas ameaças de intervenção militar no México para combater o narcotráfico e no apoio ao projeto de Israel de limpeza étnica na Faixa de Gaza.

Estamos assistindo a uma nova fase do genocídio do povo palestino que ganhou novos contornos após o último encontro de Donald Trump e Benjamin Netanyahu. Israel intensificou os bombardeios aéreos e as operações terrestres em Gaza desde que rompeu a trégua em 18 de março, mas na última semana aprovou um plano ainda mais ofensivo de expansão das operações militares em busca da conquista do território e do deslocamento da população. Essa é a principal tragédia humanitária em curso nesse momento em um mundo que tem se tornado mais perigoso. Por toda a Europa, as elites e governos anunciam o retorno a uma economia de guerra e planejam investimentos inéditos, desde a última guerra mundial, para reindustrializar o país em uma nova corrida armamentista. Com isso, ficam ainda mais para trás os serviços públicos, os direitos sociais e a transição ecológica.

Através da colaboração de Elon Musk e seu departamento de destruição do serviço público, o Governo Trump promoveu uma política de morte aos pobres e migrantes nos

EUA e fora dele. Substituindo o soft power da política de ajuda humanitária externa estadunidense por cortes abruptos de projetos sociais e ajudas humanitárias em todo o mundo. Cerca de 45% da ajuda humanitária internacional foi cortada através da política promovida por Elon Musk, causando a morte de milhares de pessoas, principalmente em países da África que dependem de ajuda internacional para tratamento de HIV/AIDS e também de refugiados das guerras da Síria e Ucrânia, dos sobreviventes de Gaza e da população do Vietnã que até hoje precisa de ajuda internacional para desativar minas terrestres colocadas pelos EUA na guerra de 1960.

Todas essas medidas também encontram um mundo mais suscetível a eventos climáticos extremos e aos perversos efeitos da crise climática. A desmoralização do Acordo de Paris e a intensificação da exploração de petróleo obedecem a essa lógica de industrializar setores estratégicos a qualquer custo. Ainda, a disputa pela superioridade entre Estados Unidos e China atravessa também o mercado militar industrial, as nanotecnologias, as big techs e a Inteligência Artificial. Sendo assim, os próximos anos vão definir não apenas o futuro sobre o uso da tecnologia, mas também o equilíbrio de poder global, com implicações econômicas, militares e sociais em escala mundial.

Frente a esses novos dilemas de um mundo cada vez mais polarizado pela extrema direita, a primeira tarefa do PSOL no plano internacional é apoiar iniciativas no terreno eleitoral, da articulação política e das mobilizações sociais que busquem combater o crescimento da extrema direita ao redor do mundo. Nos apoiamos nos bons exemplos de luta e resistência frente ao neofascismo, como vimos com a recente greve geral argentina contra Milei, os comícios de milhares contra Trump e as oligarquias nos Estados Unidos, a postura ativa da esquerda equatoriana diante das fraudes eleitorais de Daniel Noboa, a reação de governos como Claudia Sheinbaum e Gustavo Petro em defesa da soberania do México e da Colômbia e a possibilidade de desdolarizar a economia mundial através dos BRICS. É, nesse sentido, que também buscamos fortalecer as lutas e iniciativas anti-imperialistas para resistir à tentativa de Donald Trump de transformar a América Latina no “quintal dos Estados Unidos”, bem como ajudamos a construir a solidariedade ativa ao povo palestino e em defesa da paz.

Conjuntura Nacional

Lula governa em um contexto de relação de forças desfavorável. Politicamente, o bolsonarismo, apoiado por Trump, é a maior e mais dinâmica força política no Brasil, liderando a oposição ao governo. Mesmo com seus líderes juridicamente encurralados por parte do judiciário, têm maior capacidade de mobilização e iniciativa política do que qualquer outro. Conjugado a isso, a classe trabalhadora está em uma posição defensiva, desarticulada e dispersa.

É da máxima gravidade a tentativa da Câmara dos Deputados em trancar a ação penal que julga Bolsonaro e seus cúmplices na agenda golpista e busca facilitar a possibilidade de Bolsonaro disputar as eleições de 2026. O episódio é mais uma demonstração, talvez a maior delas, de que o desenlace da disputa sobre a anistia ou não dos golpistas é a luta política mais importante da conjuntura.

O pedido de cassação do mandato de Glauber Braga também evidencia a força da extrema-direita e do centrão no Congresso. O ataque ao parlamentar não é apenas um ataque a ele, ao PSOL e sua bancada combativa na Câmara, que se destacou na luta contra o Orçamento Secreto, mas também um golpe contra toda a esquerda e a própria democracia.

A desproporção da punição proposta fica ainda mais clara quando comparada ao caso de Chiquinho Brazão, que só perdeu o mandato mais de um ano após sua prisão — acusado de envolvimento como mandante no assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes, um crime político de repercussão internacional. Apesar da gravidade das acusações, Brazão manteve seus direitos políticos por longo tempo, revelando uma omissão indignante do parlamento brasileiro, que falhou em dar uma resposta à altura à sociedade diante de um crime tão brutal.

A recuperação da popularidade do governo Lula nas pesquisas é uma boa notícia. Mas, para nada, deixou de ser relevante enfrentar com altivez a carestia dos alimentos, buscar uma política de segurança pública, atinente aos direitos humanos, que enfrente o crime organizado, as milícias e a violência policial, a partir de diretrizes nacionais e uma articulação institucional entre os entes da federação, a força da oposição de extrema direita e sua determinação na disputa ideológica da população, continuam sendo os elementos mais importantes da conjuntura. No mesmo sentido, reagir à tentativa da extrema direita de desgastar o governo com a recente crise do INSS, que na verdade foi iniciada durante o governo Bolsonaro, com o ressarcimento dos valores subtraídos dos aposentados lesados pelo esquema criminoso e a responsabilização dos envolvidos

O PSOL enaltece o pronunciamento de Lula no dia primeiro de maio, no qual apoia a luta pela redução da jornada de trabalho, por meio da defesa do fim da escala 6x1, encampada pelo movimento Vida Além do Trabalho, e pelos parlamentares do PSOL Rick Azevedo e Erika Hilton. Além disso, acreditamos que a proposta do governo de isenção de Imposto de Renda para pessoas que ganham menos de 5 mil reais por mês e o investimento em cerca de 100 bilhões de reais no programa Minha Casa Minha Vida são importantes exemplos do que pode ser feito. Para avançar nesses temas e em outros que fortaleçam a agenda eleita nas urnas em 2022, é importante que o governo se apoie nos movimentos populares para governar à quente. O caminho da manutenção de uma política econômica conservadora opera em sentido contrário às necessidades da conjuntura.

A mobilização popular, no entanto, não deve depender exclusivamente da iniciativa política do governo. O movimento sindical, popular, das juventudes, de cultura, em conjunto com os partidos de esquerda precisam entrar em cena para disputar a agenda do governo e da política nacional. O conjunto das forças populares, se bem organizados, tem condição de fazer a necessária luta ideológica. Debatendo com a população nas bases, nos bairros, nas feiras, nos locais de moradia das pessoas, contrapondo a ideia da prosperidade individual, com a solidariedade, o individualismo, com a coletividade.

Apostando em iniciativas de unidade, o PSOL colocará esforços na luta pelo sem anistia, ao enfrentamento à crise climática e na construção do Plebiscito Popular contra a escala 6x1, pela taxaço das grandes fortunas e pela redução da jornada de trabalho.

Por fim, no ano de 2025, em que comemoramos os 20 anos da legalização do PSOL, nosso partido estará dedicado também ao esforço de atualização programática, buscando fazer uma reflexão mais robusta sobre as tarefas da esquerda socialista. Com esse objetivo, queremos fazer uma série de iniciativas, eventos e debates até setembro deste ano, quando acontece a Conferência Nacional. Para isso, é fundamental que todos os Diretórios Municipais e a militância em geral se engaje nas plenárias de base que já começaram e podem ser realizadas até o dia 30 de junho, assim como envie suas contribuições na plataforma <https://psolmais20.org.br>.

Sem anistia para os golpistas!

6x1 é escravidão! Por uma vida para além do trabalho! Redução da jornada já!

Taxação dos super ricos!

Glauber fica!